

NOTAS E INFORMAÇÕES

Freio ao
isolacionismo

Câmara dos EUA aprova pacote financeiro contra ambições das potências autocráticas

Uma vitória da Rússia não será só uma derrota da Ucrânia, mas um passo para submeter o Direito Internacional à lei do mais forte. No sábado, a Câmara dos Deputados dos EUA deu um passo na

direção oposta, ao aprovar um projeto de lei conferindo uma ajuda de US\$ 61 bilhões a Kiev. Em três outros projetos foram aprovados auxílios a Israel e Taiwan, e a exigência de que mídias sociais sejam dirigidas por empresas não chinesas para operar nos EUA. Os projetos devem ser brevemente aprovados pelo Senado e sancionados pelo presidente Joe Biden.

O pacote ilustra o modo como os EUA, à frente de seus aliados no mundo que formam o chamado "Ocidente", entendem seu papel na nova ordem mundial. Foram seis meses de hesitações. Uma porção dos democratas votou contra a ajuda a Israel; 112 republicanos votaram contra a ajuda à Ucrânia. Mas, ao fim, o presidente da Câmara, o republicano Mike Johnson, articulou maiorias bipartidárias e todos os projetos foram aprovados com mais de 300 votos dos 435.

Há uma bancada republicana genuinamente isolacionista. No pior dos casos, alguns compraram a propaganda de Vladimir Putin: que a Ucrânia é governada por nazistas e a Rússia luta por valores judaico-cristãos contra o globalismo progressista. Para outros, o país simplesmente não deveria gastar um centavo com conflitos distantes.

A possibilidade de uma retração dos EUA é real, mas precisa ser relativizada. Mesmo entre os republicanos, ninguém defende a redução do orçamento militar. Até Donald Trump, visto como líder isolacionista, concedeu seu aval tácito ao pacote. Com efeito, a política de Trump, até onde se pode discernir de sua

incoerência e seu estilo transacional, seria mais bem descrita como "unilateralista" do que "isolacionista". Foi ele, afinal, que autorizou o assassinato de um general iraniano e disparou mísseis na Síria. A propósito da Ucrânia, talvez tenha percebido que a confusão geopolítica iria parar na sua mesa em um segundo mandato. E há amplo consenso bipartidário a respeito da ameaça da China.

O desafio dos "adultos na sala" é convencer uma parcela da população que medidas como as aprovadas pela Câmara servem ao seu próprio interesse. Uma vitória de Putin seria um convite a novas aventuras imperialistas, incluindo uma agressão à Otan. A China se sentiria encorajada a invadir Taiwan. Israel e Arábia Saudita buscariam de forma desconcertada conter o Irã, e uma dissuasão volátil poderia degenerar rapidamente em confronto. Os aliados dos EUA perderiam a confiança, e tanto eles quanto seus adversários buscariam desenvolver arsenais nucleares.

Mesmo os americanos com uma visão mais materialista e economicista podem ser convencidos de que rupturas nas cadeias de produção e distribuição globais teriam um custo alto, e que dar de ombros para a realidade geopolítica hoje pode custar muito mais caro amanhã – como aconteceu na 2.ª Guerra.

É incerto se os isolacionistas americanos conseguirão mais votos para suas pautas. Por ora, ao menos, o país agiu em favor do Direito Internacional e de seu interesse nacional. ■

Guerra em Gaza

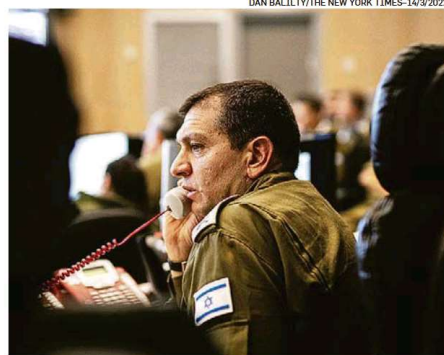
Chefe de inteligência de Israel deixa cargo por falhas no ataque do Hamas

General Aharon Haliva é 1.ª figura de alto escalão a assumir a responsabilidade pelo atentado de 7 de outubro

TEL-AVIV

O chefe da inteligência militar de Israel renunciou ontem em razão das falhas de segurança nos ataques do Hamas, em 7 de outubro do ano passado. Ao pedir demissão, 128 dias após o atentado, o general Aharon Haliva citou sua "responsabilidade", tornando-se a primeira figura importante do alto escalão do governo israelense a deixar o posto.

Na carta de renúncia, Haliva afirma que carregará para "sempre a terrível dor da guerra". "A divisão de inteligência sob meu comando não esteve à altura da tarefa que nos foi confiada", afirmou Haliva. "Eu carreguei aquele dia comigo desde então. Dia após dia, noite após noite. Carregarei para sempre a terrível dor da guerra".



General Haliva: primeira baixa no governo após ataques do Hamas

ra". Ele ainda pediu "uma investigação exaustiva sobre os fatores e circunstâncias" que levaram ao ataque.

EFEITO DOMINÓ. A renúncia pode preparar o terreno para mais demissões de altos funcionários da segurança de Israel em razão do ataque do Hamas, quando terroristas explodiram as defesas da fronteira

de Israel, atacaram comunidades por horas e mataram 1,2 mil pessoas, a maioria civil, enquanto tomavam aproximadamente 250 reféns. O atentado desencadeou a guerra contra em Gaza, que entra no sétimo mês.

Embora Haliva e outros tenham aceitado a culpa por não terem conseguido impedir o ataque, outros membros do go-

EUA investigam israelenses por violação de direitos humanos

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, confirmou ontem que investiga violações de direitos humanos cometidas por Israel em Gaza. "Estamos analisando relatórios de incidentes e temos um processo, especialmente se houver armas americanas envolvidas", disse. "Quando tivermos reunido os fatos e pudermos fazer a análise, divulgaremos nossas conclusões." ■ EFE

protestos em Israel reivindicando a realização de eleições em breve.

Oliver da oposição israelense, Yair Lapid, saudou a renúncia do general, dizendo que era "justificada e digna". "Seria apropriado que o primeiro-ministro fizesse o mesmo", escreveu ele no X, antigo Twitter.

FRAQUEZA. Alguns especialistas militares, no entanto, avaliaram que as demissões num momento em que Israel está envolvido em múltiplas frentes são irresponsáveis e podem ser interpretadas como um sinal de fraqueza.

Israel ainda luta contra o Hamas em Gaza e contra o Hezbollah na fronteira com o Líbano.

Responsabilidade
Muitos membros do governo de Israel ainda não admitiram erros que facilitaram ação do Hamas

Estados Unidos

Trump montou esquema criminoso, diz promotor

O primeiro julgamento de um ex-presidente dos EUA iniciou ontem sua fase de sustentação oral, quando promotores e advogados de defesa abriram a audiência no caso de fraude envolvendo Donald Trump. "Ele orquestrou um esquema criminoso", disse o promotor Matthew Colangelo. Especialistas estimam que o julgamento dure seis semanas. ■



A guerra de Putin

Polónia se oferece para abrigar armas nucleares

O presidente da Polónia, Andrzej Duda, afirmou ontem que o país está pronto para abrigar armas nucleares, caso a Otan decida reforçar sua posição depois de a Rússia ter posicionado ogivas em Kaliningrado e Belarus. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, ameaçou adotar "medidas de segurança" caso a Polónia receba armas atômicas dos EUA. ■